

**ECOSSISTEMA EMPREENDEDOR: uma discussão à luz do modelo teórico de Isenberg**

**ALAN ELIAS SILVA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR)

Agradecimento à órgão de fomento:  
Sem

## **ECOSSISTEMA EMPREENDEDOR: uma discussão à luz do modelo teórico de Isenberg**

### **INTRODUÇÃO**

A área do estudo do empreendedorismo e seus agentes compreende o surgimento de novos negócios, seja de produtos, serviços, mercados, processos e tecnologia, fomentado por um ambiente propício ao reconhecimento de oportunidades e, conseqüentemente, o seu desenvolvimento, a fim de produzir efeitos na sociedade e economia (BARON; SHANE, 2007). Em Duarte et al. (2011), o empreendedorismo é inquestionável para o desenvolvimento social em decorrência da quantidade de pequenos negócios que se apresentam como uma alternativa no mundo do trabalho.

Ao analisar o termo empreendedorismo, na literatura não há uma definição e nem um perfil típico empreendedor, ele é mutável (DORNELLAS, 2015), tendo em vista a pluralidade de condições que implicam em rotular quem se comporta como tal. Muito embora, é importante destacar que, há um senso uniforme no tocante a um conjunto de características, formas de agir, maneiras de pensar imputados aos indivíduos que empreendem.

Há condições que ampliam a possibilidade de os sujeitos desejarem e trabalharem no campo do empreendedorismo e, são imprescindíveis para esta promoção deste campo de negócio, estando em voga, nesse ponto a necessidade de construir ecossistemas que, segundo Carvalho (2016), favorecem a um desenvolvimento orgânico de negócios de alto crescimento e com potencial de sucesso para produzir valor. Fazendo uso de uma paráfrase, quando um ecossistema tem múltiplos empreendedores de alto impacto, há uma melhora significativa para desenvolvimento econômico.

O fomento ao desenvolvimento de um ecossistema empreendedor tem como pilares, atores sistêmicos envolvidos nesse processo, como as universidades, fundações de aprendizado ao empreendedorismo, investidores; iniciativas de realização de eventos e políticas que estimulem um ambiente favorável à concepção de novos negócios (SILVA, 2017). Carvalho (2016, p. 21) diz que: “os ecossistemas empreendedores costumam surgir em locais que têm ativos específicos”, pois segundo Silva, Fonseca e Spinola (2017), o resultado da interação desses diversos agentes é o que influencia no desenvolvimento econômico.

Esse ensaio, visa apresentar uma relação do empreendedorismo com o ambiente empreendedor, tendo em vista as dimensões elaboradas por Daniel Isenberg que Alves et al. (2019) postas como importantes para a dinâmica do ecossistema na configuração das características que influenciam o processo do empreendedorismo. Mediante ao exposto, define-se como temática central deste ensaio o ecossistema empreendedor a partir do modelo teórico de Isenberg de 2010, diagramado por seis domínios, sendo eles: políticas, finanças, cultura, apoio, capital humano e mercados.

Aos argumentos de Fialho (2019), tais domínios são organizados e se complementam entre si em prol do desenvolvimento ecossistêmico com proeminência ao papel de cada domínio para a promoção da atividade empreendedora. Mas, por outro lado, os domínios do modelo, aqui discutidos, não se configuram como um composto sequencial, linear e imutáveis que codificados se convertem em um modelo ideal, mas sim em um construto útil ao campo do empreendedorismo a fim de influenciar positivamente a geração de novos negócios.

Assim, destaca-se a importância deste ensaio para conhecer o construto para a geração de negócios e sua relação com os indivíduos que empreendem. Neste cenário, desenvolve-se uma leitura e contextualização das temáticas sob o enfoque dos domínios e seus respectivos atores identificados que corroboram para ações empreendedoras, com o

objetivo científico de apresentar reflexões sobre os desafios e possibilidades existentes para implantação de um ecossistema eficiente à atividade empreendedora e propício para direcionar o surgimento de novos negócios.

## **METODOLOGIA**

Foram incorporados elementos da literatura sobre dinâmica do ecossistema na busca de retratar o contexto estrutural, a compreender os efeitos do ecossistema empreendedor, sendo um estudo pautado mediante o emprego de procedimentos do tipo bibliográfico exploratório, que se utiliza, de acordo com Prodanov e Freitas (2013), para subsidiar o melhor entendimento teórico-metodológico do trabalho.

A ocasião ensejou uma revisão de literatura como estratégia de embasamento auxiliativos em breves considerações sobre empreendedorismo e no entendimento acerca do ecossistema empreendedor de Isenberg, bem como na identificação dos domínios e atributos do mesmo. Para tanto, a fundamentação se debruçou em livros e artigos científicos, estes últimos nas bases de dados *Scielo*, *Google Acadêmico* e *Capes*, além de dissertações e teses encontrados em repositórios institucionais.

Na mineração dos artigos, dissertações e teses considerou-se publicações a partir de 2015. A seleção ocorreu sob os caracteres “ecossistema empreendedor” e “modelo de Isenberg”. Quanto ao descarte de eventuais produções científicas disponíveis nas bases supramencionadas, que embora encontradas a partir da seleção adotada, ocorreu pelo critério de equivalência entre os conteúdos que as produções apresentavam em seus respectivos resumos e o objetivo proposto deste ensaio.

Nesse sentido, à luz da bibliografia, possibilitou uma aproximação conceitual da temática, mediante revisão teórica (LAKATOS; MARCONI 2017), como também um levantamento da necessidade de se conhecer sobre as estruturas dispostas do ambiente empreendedor e da atuação dos domínios na investidura de fomentar atividades empreendedoras.

Quanto à abordagem, se trata de natureza exploratória, pois permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos, tendo como principal finalidade proporcionar uma nova visão a estudos exploratórios (LAKATOS; MARCONI, 2017), o qual vai ao encontro deste. Assim, o caráter exploratório coadjuva expor diversas variáveis do modelo de Isenberg e seus domínios e, por conseguinte sua sistematicidade, que se direcionam para o incremento do empreendedorismo.

Por fim, busca-se caracterizar os domínios do ambiente contributivos para o processo de implantação e desenvolvimento de novos negócios, ao passo que, descreve-se muitos aspectos encontrados, o que qualifica essa pesquisa como de cunho descritiva, pois caracteriza os domínios do ambiente que corroboram ao processo de estabelecimento e desenvolvimento de novos negócios. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa descritiva procura classificar, explicar e interpretar fatos que ocorrem, permitindo o pesquisador apenas o registro e descrever os fatos observados sem interferência direta ou indiretamente na mesma.

## **REVISÃO DA LITERATURA**

Antes de precisar as discussões, é preciso situar o que o ensaio traz. Portanto, apresenta-se, nesta seção, o repertório conceitual e características de empreendedorismo e ambientes empreendedores. Por conseguinte, há o entrelaçamento das temáticas com

abordagem do modelo teórico de Daniel Isenberg sobre ecossistema empreendedor que norteou esta pesquisa.

### **Aspectos conceituais em relação ao empreendedorismo**

Inicialmente, no intuito de familiarizar com o campo do empreendedorismo, torna-se conveniente a exposição de conhecimentos fundamentais sobre o termo neste trabalho, marcada pela historicidade, pela racionalidade quanto pela subjetividade. Sob o pressuposto, Duarte et al. (2011, p 20) apontam que: “para compreender o que significa empreendedorismo é fundamental que você amplie sua visão, olhe para a história e para as diferentes formas do ser humano se organizar e se relacionar”.

Desde a década de 1980, segundo Dornelas (2015), já se tinha discussão a respeito do empreendedorismo e as qualidades que o indivíduo empreendedor deveria senhorear. A busca por entender o perfil daquele que empreende vem desde os estudos de Willian Gartner, James Carland, até os dias atuais, elencando um conjunto de características atributivas aos empreendedores, como: busca de assumir riscos, capacidade de inovar, *network*, autonomia, liderança, senso de iniciativa dentre outros.

No que diz respeito às variações sob as quantidades expressivas das características do indivíduo precursor de novas ideias, Dornelas (2015) e Baron e Shane (2007) são consensuais em falarem que, existem dissemelhantes definições sobre o que é ser empreendedor, evidenciando a não unicidade de uno modelo, tão pouco uma singular definição de quem é este indivíduo. De forma semelhante, Duarte et al. (2011) colocam que o agente que empreende foge do princípio estático e imutável em detrimento de suas múltiplas capacidades diferenciadas.

Embora haja um emaranhado de definições e características para o indivíduo empreendedor, Santos (2017) destaca que o termo “empreendedor” tem origem no desenvolvimento da palavra francesa *entreprendre*, derivada dos termos em latim *inter* e *prehendere* e usada inicialmente como um vocábulo militar durante a Idade Média, com o significado de “proteger-se”. Já para Silva (2017, p. 19), “[...] significa aquele ator econômico essencial para alavancar a sociedade de consumo de massa do século XX, por sua disposição de assumir riscos, uma vez que sua ação pode ser frustrada e não produzir fruto algum”.

Nesse escopo, o entendimento do campo do empreendedorismo perpassa a iniciativa criacionista de um negócio respeitando a paixão pelo que faz; como também a utilização criativa dos recursos disponíveis, além da atenção ao aceitar assumir riscos e a possibilidade de falhar (DORNELAS, 2015). Tem-se, portanto que, “uma pessoa empreendedora enfrenta os problemas como oportunidades, atua em resposta às necessidades e aceita riscos calculados na expectativa de criar valor” (DUARTE et al., 2011, p. 22). Para Silva (2017), a atuação desse agente deve ser cautelosa aos atributos das demandas dos ambientes externo e interno que variam conforme o mercado, para que a ideia venha a se transformar em negócio e tenha uma continuidade futura.

Numa perspectiva similar, o empreendedorismo para Baron e Shane (2007) merece atenção, porque implica em um conjunto de atividades desempenhadas por indivíduos a partir de ações-chaves identificáveis de uma oportunidade a ser explorada como forma de negócio e fatores que contribuam para o desenvolvimento da mesma. A este respeito, Dornelas (2015) elucida o fato do empreendedorismo ter a premissa da transformação social e econômica que o negócio deve surtir, visando torná-lo para além de futuro sustentável.

Ao se falar em empreendedorismo deve-se reconhecer dois tipos de empreendedores: o primeiro é associado ao alto impacto, sendo um negócio crescente a mais de 20% ao ano em

um período de três anos, repercutindo um grande impacto na geração de empregos e crescimento econômico; enquanto o segundo são os empreendedores estilos de vida com essência na busca pela satisfação das necessidades financeiras do próprio indivíduo, logo são em maioria, muito embora há fator limitante na geração de empregos no mercado, em contrapartida, por outro lado, se torna a principal fonte de renda (SÃO PAULO, 2012).

Em Baron e Shane (2007), as atividades empreendedoras provocam impacto nas economias societárias ao transformar oportunidades em negócios viáveis bem lucrativos. Neste sentido, Mineiro et al. (2016) destacam o papel relevante do empreendedorismo no desenvolvimento econômico, sendo imprescindíveis ao colaborar para o surgimento e fortalecimento de ecossistema empreendedor, dentre eles: o apoio político, um mercado acessível, financiamento e capital humano disponível, instituições de apoio e uma cultura local voltada ao empreendedorismo. Em Silva, Fonseca e Spinola (2017), a abordagem da temática do empreendedorismo, sob enfoque de ecossistema, permite uma criticidade, sobretudo, por considerar a dinâmica da multiplicidade de elementos envolvidos coadunando para o fortalecimento da ação empreendedora em uma dada realidade.

### **Bases conceituais do ecossistema empreendedor**

À maneira que ocorre com o termo empreendedorismo se repete com ecossistema empreendedor, sendo este ainda uma área de estudo relativamente nova. Por isso que, Santos Filho et al. (2019) e Fialho (2019) destacam que na literatura há definições postas por vários autores evidenciando, segundo Alves et al. (2019), os discursos relevantes sobre os ecossistemas de empreendedorismo.

Embora haja vastos conceitos sobre ambiente tratado neste ensaio, Fialho (2019) observa uma direção para pontos comuns no tocante à criação de ideias, inovação e empreendedorismo. Alves et al. (2019) destacam que um ponto importante a notar nos últimos anos é o reconhecimento conceitual que a temática ganhou. Neste alicerce, Souza (2018, p. 43) pondera comparativamente a funcionalidade do ecossistema empreendedor ao ecossistema biológico “[...]referenciando o relacionamento e a interdependência entre os participantes que compõem este ambiente de desenvolvimento e evolução, onde todos têm como objetivo o crescimento das organizações envolvidas nesta nova economia”.

Para Ikenamia, Garnica e Ringer (2016, p. 167), “ecossistema é um constructo, que evidencia a interdependência de atores que buscam um objetivo comum, criar ou capturar valor a partir de uma oportunidade percebida”. Ainda segundo os autores, o contexto do ecossistema atua em ambientes dinâmicos ao buscar acima de tudo, formalizar seus processos e função conjunta de cada parte integrante.

Contudo, é necessário compreender que um ecossistema empreendedor não é redutível a um rol de variáveis sequenciadas à risca, de procedimentos indispensáveis e agentes imutáveis e, em particular com um fluxograma como uma sucessão de etapas distintas e pré-determinadas. Há de convir o caráter da sistematicidade do ecossistema e das suas variáveis, porque permitem desenvolver práticas na geração de negócios alinhados aos objetivos empreendedores.

No ecossistema empreendedor estão presentes diversos participantes que se complementam e, por intermédio, da sinergia resultante da cooperação se pode também chamar de comunidade empreendedora. A respeito desse ponto de vista, Carvalho (2016) esclarece que a interação entre as condições básicas do ecossistema e suas variáveis são uma conexão mútua ao invés de desconexas, no que concerne ao resultado como dependente do conjunto. Logo, Fialho (2019, p 43), entende: “[...] que todos os domínios são fundamentais

para a concretização do ecossistema empreendedor, cada qual cooperando com suas características e interagindo com os demais”. “Não basta, portanto, simplesmente existirem ações isoladas dos atores do ecossistema, tais ações devem estar inseridas dentro de um contexto mais amplo e integrado, em que uma ação complementa, pressupõe ou dá sentido à(s) outra(s)” (SANTOS, 2017, p. 181). Nesse pensamento Silva, Fonseca e Spinola (2017, p. 32) frisam que para o empreendedorismo acontecer “[...] é indispensável que o seu ecossistema esteja ativo, ou seja, que haja elementos inter-relacionados à disposição dos empreendedores, que estimulem, alavanquem, incentivem, e gerem confiança nas pessoas que precisam exercer seu comportamento empreendedor”.

As partes integrantes do ecossistema se ajudam, assim nenhuma destas se torna mais relevante que a outra, atuando todas em dependência e auxílio mútuo. Silva (2017) considera que esses integrantes são *stakeholders*, pois há o estabelecimento de uma interação entre agentes e interessados que fortalecem o empreendedorismo na perspectiva de um ecossistema de negócios. Assim, busca uma integração entre atores do ecossistema, de modo que as ações sejam síncronas, para tanto, que Santos (2017) alude que, ações de fomento ao empreendedorismo no ecossistema devem ser coordenadas, com o propósito de que os melhores resultados possíveis e esperados sejam alcançados.

Há de se evidenciar também no que tange aos fatores sociais, governamentais, econômicos e tecnológicos contribuições para o ecossistema empreendedor de um país (SILVA, 2017). O autor ainda sublinha que a capacidade contributiva está associada à relevância produtiva que impacta no desenvolvimento econômico no conceber empregos e renda. Por extensão, corroboram Duarte et al. (2011, p 51) “[...] um ambiente propício à criação e à perenidade de empresas inovadoras faz parte da vida de países que anseiam aperfeiçoar sua competitividade no mercado mundial, dado que nenhum país pode ser inovador sem que haja intenção do poder central de incentivar a mesma”.

Carvalho (2016) destaca que ecossistema deve ser valorizado pela riqueza de conhecimento novo gerado e como os agentes ascendem à informação com propósito de novos negócios. Ao mesmo tempo oferecem vastos horizontes, seja focado na atividade empreendedora, no seu viés econômico e social, na ênfase nos ambientes ou nas considerações requeridas para gerar empreendedorismo.

## **Modelo de Isenberg**

Daniel Isenberg, em 2010, desenvolveu um modelo conhecido de Ecossistema Empreendedor que congrega diferentes domínios e sua soma colabora para o sucesso da atividade do empreendedorismo. Portanto, recorrendo à ideia original de ecossistema, pode-se dizer que não é somente um fator que determina o êxito de um negócio, mas sim o conjunto de fatores apropriados. Um ecossistema sinérgico é necessário para que ideias inovativas se sustentem ao longo do tempo causando impactos sociais e econômicos positivos para a economia, desde que compreenda os díspares contextos, os *stakeholders* e suas expertises, tendo em vista, que a composição sinérgica dos elementos é necessária para o florescimento de um ecossistema empreendedor saudável e estruturado (FDC, 2013).

No modelo proposto e difundido, foram sistematizadas dimensões proeminentes para um ecossistema negocial: políticas públicas, capital financeiro, cultura, instituições de suporte, recursos humanos e mercados. De acordo com Silva (2017), o modelo de Isenberg é uma espécie de diagrama com seis dimensões ou pilares sistemáticos do ecossistema empreendedor, de forma a conferir uma percepção holística e interativa, seja dos elementos constituidores, seja dos seus agentes partícipes.

No domínio das políticas públicas estão contidos os organismos governamentais de apoio ao empreendedorismo, eles são os responsáveis por implantar incentivos ou diminuir barreiras burocráticas para estimular o desenvolvimento desses novos negócios e ao mesmo tempo regulamentam o seu funcionamento. Evidencia-se que: “[...] o desenvolvimento das políticas públicas está associado ao envolvimento de atores e organizações, além do estabelecimento de conexões e a presença da orientação empreendedora dos sujeitos e das organizações públicas” (FIALHO, 2019, p. 41-42).

O estudo do Desenvolvimento de Políticas Públicas de Fomento ao Empreendedorismo em Estados e Municípios realizado pelo Centro de Estudos em Administração Pública e Governo e Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios (SÃO PAULO, 2012, p.15), coloca que: “o ambiente empreendedor necessita de dinamismo para se desenvolver, por isso a importância de um modelo regulatório que retire as amarras burocráticas do processo de desenvolvimento empresarial”. Destacam também que as políticas com ênfase aos aspectos regulatórios afetam positivamente o ecossistema empreendedor e, portanto, um ambiente regulatório eficiente gera efeitos positivos sociais e desenvolvimentistas de fato. Por outro lado, as políticas de estímulo, estão relacionadas a ações que promovem prioritariamente a iniciativa para criar um negócio sustentável, o que, em Fialho (2019), resulta num eficiente aproveitamento dos recursos governamentais para a atividade empreendedora de alto impacto.

No que concerne a este domínio e ainda sob o enfoque do estudo Desenvolvimento de Políticas Públicas de Fomento ao Empreendedorismo em Estados e Municípios, aspectos relevantes apontam as políticas de apoio às micro e pequenas empresas como sendo voltadas aos empreendedores de estilo de vida, justificáveis pelo apelo social que estas trazem na criação de empregos e melhora do nível de vida desses empreendedores. Enquanto políticas de empreendedorismo apoiam o desenvolvimento de empreendedores de alto impacto no crescimento econômico, visando fomentar os indivíduos altamente inovadores a produtos e serviços com maior valor agregado.

No aspecto capital financeiro há a presença das instituições e mecanismos de financiamento ao processo do empreendedorismo nas mais diferentes formas. Santos Filho et al. (2019) dizem que esse domínio é essencial em prol do desenvolvimento dos empreendimentos, desde seu o capital semente às fases de maturação. Mineiro et al. (2016) definem como “campo das finanças”, as diversas opções disponíveis para obtenção de recursos, seja através dos fundos de *venture capital*, como também são encontrados ainda mecanismos, segundo Souza (2018), a exemplo de redes investidores anjo, e fundos de capital de risco e capital semente, entre outros.

No âmbito deste domínio, Carvalho (2016) pontua que a disponibilidade de financiamento é uma particularidade crítica em razão da necessidade de ter investidores que apostem em pessoas que façam coisas de forma nova e mais produtivas. Embora, os recursos financeiros sejam de suma importância neste processo, não se pode esperar que a presença abundante deste domínio seja o bastante a ponto de determinar o bom funcionamento do ecossistema (FIALHO, 2019).

Outra variável que constitui este processo ambiental é a cultura. Ela compreende as propriedades sociais de um grupo e os aspectos subjetivos dos indivíduos, que segundo Souza (2018), estão associados à forma como elas se relacionam entre o indivíduo e os seus motivos que levaram ao pontapé inicial da atividade empreendedora. Isso configura uma linha tênue, porque o fator cultural pode ser (i)limitador, ao perpassar pelos valores de reconhecimento, sucesso, medo e fracasso. Sob esse ponto de vista, Baron e Shane (2007) citam a necessidade de medidas ativas para florescer novas ideias em consonância ao ambiente empreendedor,

mediado pelos desafios e explorando as características de engajamento da visão de futuro do empreendedor.

Os aspectos associados à cultura são relevantes características dos ecossistemas (CARVALHO, 2016). A mesma é dividida nos grupos “históricos de sucesso” fundamentados na visão e existência de acontecimentos de reputação quanto de prestígio externo e, “normas sociais” que “ditam a maneira como o comportamento toma forma frente aos desafios de mercado, como a tolerância ao risco e aos erros, o apelo à inovação, a experimentação e sobretudo a criatividade” (MINEIRO et al., 2016, p 76).

Já no domínio das instituições de suporte estão as redes de empresas, estas dissociadas do ente governamental, que têm como a missão dar suporte, não voltado a finanças, mas no sentido de estruturar as novas ideias dentro de uma configuração de negócios e empresas. Assim, subscrevendo os autores Carvalho (2016), Fialho (2019), Mineiro et al. (2016), Silva (2017) e Souza (2018), esse suporte será na forma de consultores e assessorias de profissionais de *know-how* na área contábil, financeira, investimento, advocacia, agências de recrutamento. Para Carvalho (2016), é efetiva a presença deste grupo de serviços, afinal, compreendem os anseios dos empreendedores e podem apoiar nos negócios ao evitarem obstáculos, e para, além disso, diminuir as barreiras.

Na visão de Mineiro et al. (2016), instituições não governamentais, profissionais de suporte à atividade empreendedora formam o domínio apoiativo, como um composto de elementos promoventes a competições de ideias e conferências, no que tange a geração de negócios. Somados à existência desses apoios e conhecimentos técnicos em setores específicos, cabe mencionar a necessidade de infraestrutura local base, tais como, a existência de um bom sistema de telecomunicação, logística, energia. Santos (2017) pontua que os ecossistemas também devem dispor de aceleradoras, *hubs* e incubação, porque são igualmente indispensáveis a todo esse processo de apoio a novos negócios

Ao domínio recursos humanos, evocando a discernimento intelectual e liberdade científica, será utilizado a terminologia “capital humano” em detrimento ao emprego obsoleto e errôneo de tratar pessoas como propriedade de uma organização. Esse termo congrega rede de profissionais com expertise voltada à geração de novos negócios, seja de uma qualificação formal ou vasta experiência na atuação da área empreendedora. Cabe ponderar o quanto a capacidade intelectual é necessariamente intrínseca ao empreendedorismo, no sentido de ter uma base firme para a prospecção de ideias potenciais com valor econômico e social por meio da criação de novos empreendimentos, por isso que Fialho (2019) coloca que relativo a essa variável tem como premissa a qualificação dos indivíduos por esforços dos atores de uma carreira empreendedora, contribuindo sobremaneira para os resultados no ecossistema empreendedor.

Para Mineiro et al. (2016), este campo compreende o “trabalho” com presença de força técnica, isto é, empreendedores reconhecidos, e as “instituições educacionais” que são o agrupamento de organizações formadoras na área de empreendedorismo, sejam universidades, escolas técnicas ou programas de treinamentos específicos. Segundo os autores supracitados, “o domínio capital humano, portanto, apresenta as instituições de ensino e formação de mão de obra técnica e especializada presentes nos ambientes” (MINEIRO et al., 2016, p 76).

No tocante a esse domínio, estão presentes as universidades na geração de conhecimento que, potencialmente se tem a expectativa de retorno em impacto social. Nos ecossistemas empreendedores as instituições de ensino superior desempenham um papel crucial, por fundamentarem a capacidade intelectual desta comunidade (CARVALHO, 2016), e aos olhos teóricos de Fialho (2019), um ambiente adequado para despertar novos empreendedores e impulsionar projetos com incentivos por meio de incubadoras.



Por fim, o campo dos mercados do ecossistema é a abordagem acerca da existência daqueles que vão comprar as novas ideias em forma de novos produtos e/ou serviços. Essa aceitação, no que tange à probabilidade de absorção de novos negócios e tecnologia, é o que vai propagar ou não o sucesso comercial do que foi desenvolvido por intermédio de um ecossistema empreendedor.

Para Mineiro et al. (2016), o domínio mercados também é dividido em duas categorias, a primeira são “consumidores iniciais” formados pelos *early-adopters*, isto é, os grupos que farão as primeiras análises de produtos e serviços postos ao mercado e os canais que serão distribuídos; e em segundo, as “redes” que se configuram pela presença de grandes corporações, redes de empreendedores vinculadas a novos negócios.

## DISCUSSÃO

Diante das colocações postas, entende-se que o modelo teórico de Isenberg coloca em voga que, o empreendedorismo acontecerá de fato quando os domínios elencados forem trabalhados de forma harmônica, muito embora, sem a necessidade de todos serem desenvolvidos em grande escala de uma única vez. Isto pode ser compreendido, por exemplo, ao condicionar a variável cultura em uma determinada comunidade, tornar-se-á um elemento limitador do desenvolvimento. Porquanto, se tal variável não for trabalhada parece ser inviável uma revolução empreendedora, mesmo com a presença do domínio de capital humano disponível naquela comunidade (FDC, 2013). Por isso a importância sinérgica da coexistência de todos os domínios do ecossistema favorável ao desenvolvimento empreendedor, do contrário haverá desequilíbrio caso algum pilar do ecossistema seja excluído.

Reafirmando a premissa, Mineiro et al. (2016) ponderam que para que o ecossistema empreendedor funcione, não é necessária a presença em mesmo nível de todos os domínios descritos, contudo, os seis devem funcionar de forma conjunta, buscando sempre a importância de interação destes. Os autores colocam a necessidade de levar em consideração as particularidades de cada ambiente, pois seria um equívoco replicar integralmente o modelo de um local em outro, sem respeitar a dinâmica própria de cada um dos locais que têm ativos, desafios específicos.

Para Silva (2017), o ecossistema desenhado por Isenberg desenvolve percepções possibilitando pautar ações empreendedoras referenciadas nas seis dimensões, desde que seja respeitada a simultaneidade da interação delas. Ao mesmo tempo, mostra um sistema aberto que para fazer acontecer a atividade empreendedora se busca o envolvimento de diversos agentes a fim de efetivar os objetivos de cada um deles. Por isso que se deve considerar as particularidades representativas de cada agente envolvido, pois o ecossistema empreendedor é resultante do conjunto de elementos com resultados proporcionados por cada uma de suas partes.

No estudo realizado por Santos (2017), seguindo perspectiva baseada nas dimensões propostas no modelo discutido neste ensaio, para a consolidação e sucesso de um ambiente empreender sugere-se a desburocratização para abertura de empresas, implementar benefícios fiscais em ambientes inovativos, fomento ao empreendedorismo por design de uma instituição, realizar eventos e a integração das instituições. Cabem também iniciativas para a atração de investidores, bem como buscar meios para disseminação da cultura empreendedora. Recomenda ainda, a inclusão de disciplinas com enfoque ao empreendedorismo nos organismos de ensino e o incentivo a parcerias entre empresas, em razão de nos ecossistemas haver a proximidade entre os atores e seus elementos tão imprescindíveis ao fomento do empreendedorismo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio convergiu para a análise do ecossistema empreendedor a partir da proposta de Daniel Isenberg com sua relação combinativa e as conexões entre diferentes domínios para um alinhamento à atividade do empreendedorismo. A escolha pelo modelo se deve por ser o percurso diagramado, o qual elenca agentes e elementos que o constituem. O caráter sistemático, complexo, adaptativo do modelo foi mostrado a partir de uma discussão teórica junto à temática do empreendedorismo.

Ao longo deste ensaio, mostrou-se coerente com a proposta os conceitos, definições, características acerca do empreendedorismo. Também se descreveu os elementos previsíveis de um ecossistema, ao mesmo tempo que este mostra a relevância interacional das dimensões constituidora do ambiente ao desenvolvimento de ideias de negócio.

A pesquisa visou destacar os domínios do ecossistema empreendedor, apesar de que tenha a limitação de ser um ensaio e suas principais contribuições serem teóricas, conquanto se coloca para discutir uma temática que não deixa de ser oportuna e se mostra atraente no tocante a uma abrangência teórico-científica.

Discutiu-se que o termo empreendedorismo e o perfil do agente nesse campo de atuação estão longe de ter um estereótipo universal, posto que, se coloca os fatores, os quais estão implicados no surgimento de oportunidades e o seu reconhecimento pelos agentes que carregam consigam uma série de características empreendedoras, que a literatura menciona, para desenvolver a ideia inovativa, a fim de frutificá-la em novos produtos e/ou serviços. Deve ser salientado que o ecossistema empreendedor demonstra um construto de seis domínios (políticas, finanças, cultura, apoio, capital humano e mercados), os quais são possíveis de serem adaptativos em outros ambientes e não reprodutivos, uma vez que os resultados não são iguais. É errada a tentativa de reproduzir o aspecto estrutural sem enxergar, entender e compreender as particularidades de cada ambiente, pois na lógica racional, se produzirá resultados diferentes. Assim, o ecossistema deve ser encarado holisticamente, pois somente assim será possível compreender as características locais e suas diferenças com os demais lugares.

A construção de um ambiente favorável à atividade empreendedora não é simples, tendo em vista que, naturalmente, a sua composição é feita por diversos atores, os quais devem ter interesses mútuos. Esta reflexão deve ser global, pois assim é possível enxergar e perceber os domínios que permeiam o ecossistema, também é permissível reconhecer sua fecundidade indisciplinar para o campo do empreendedorismo.

Os domínios são diversos e de suma importância, o que leva a entender que a sua funcionalidade fora do todo leva a uma descontinuidade. Evitar o acontecimento da situação é o mesmo que evitar uma ruptura entre as dimensões. Para não incorrer em consequências negativas, é comum a rejeição quanto uma representação com papel de líder no ecossistema, tão pouco deve ocorrer a minimização da atuação de um ator ou seu isolamento, tendo em vista a interdependência que permeia o ecossistema e a existência simultânea das dimensões alavanca o sucesso do ecossistema.

Tem-se que olhar para o ecossistema empreendedor de Isenberg como uma estruturação de formação entre as dimensões que permite colocar nos diversos espaços onde se constroem empreendedorismo, desde que seja refutada a ideia de cópia entre os ambientes, pois cada um têm suas particularidades que devem ser analisadas em profundo. Portanto, o modelo suscita elementos constitutivos, mas não taxativos, que sinérgicos entre si são favoráveis ao sucesso, do contrário, sozinhos não garantem um sucesso.

Nesse sentido, a lógica de ecossistema envolve a participação e integração dos atores, como também a competência de cada um e sua importância. Logo, se percebe que o ecossistema empreendedor é um ambiente estrutural de sistemas abertos auto organizados analogicamente relacionados a algo orgânico, existindo um conjunto de atores interdependentes sem um controle determinado.

Destarte, a pesquisa no campo do empreendedorismo é um lugar dinâmico que requer estudos de construção sistemática das práticas geracionais de novos negócios. Esta posição pode ser concebida do ponto de vista de articulação de diferentes agentes, fenômenos que se apresentam no campo das variáveis do modelo de ecossistema proposto por Isenberg. É preciso ainda destacar o sentido como reflexão crítica sobre as dimensões do ambiente empreendedor que tende a validação e proposição das práticas do indivíduo que empreende, aliado ao processo de produção de novos produtos e/ou serviços.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Andre Cherubini et al. Configurations of knowledge-intensive entrepreneurial ecosystems. **RAE-Revista de Administração de Empresas** (Journal of Business Management). São Paulo - SP, Vol.59, nº4, Jul./Aug. 2019. p. 242 – 257. ISSN 0034-7590; eISSN 2178-938X. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v59n4/0034-7590-rae-59-04-0242.pdf>. Acesso em: 5 fev. 2021.

BARON, Robert A.; SHANE, A. Scott: **Empreendedorismo uma visão do processo**. Tradução All Tasks. São Paulo: Thomson Learnigg, 2007.

CARVALHO, Luísa Cagica. Compreender o que se entende por ecossistema empreendedor: Lisboa como uma cidade *startup*. **R-LEGO - Revista Lusófona de Economia e Gestão das Organizações**. nº 03, Número Especial, p. 17-31, 2016. Disponível em: <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/7678>. Acesso em: 11 dez. 2020.

DORNELAS, Jose Carlos Assis. Quem é o empreendedor. In: **Empreendedorismo na prática: mitos e verdades do empreendedor de sucesso**. 3 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015, cap. 1.

DUARTE, Eliane Cordeiro de Vasconcellos Garcia. et al. **Empreendedorismo e inovação sustentável nas empresas de tecnologia de informação: uma geração de riquezas e transformação de conhecimentos**. Curitiba: UFPR, 2011.

FIALHO, Camila Borges. **O fortalecimento do ecossistema empreendedor a partir dos seus domínios na percepção dos principais atores do ambiente local**. 2019. recurso online. (142f.). Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas. Programa de Pós-Graduação em Administração. Santa Maria - RS, Brasil, 2019. Disponível em: <http://repositorio.ufsm.br/handle/1/19184>. Acesso em: 6 fev. 2021.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 8 ed. São Paulo: Atlas 2017.

MINEIRO, Andrea Costa et al. Investigação do potencial de um polo de inovação para a criação de uma rede de investidores anjos a partir de seu ecossistema empreendedor. **RACEF**

– **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**. Ribeirão Preto - SP, Vol. 7, nº. 1, Ed. Esp. Ecossistemas de Inovação e Empreendedorismo, p. 71-83, 2016. ISSN 2178-7638. DOI: <http://dx.doi.org/10.13059/racef.v7i1.182>. Disponível em: <https://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/view/182>. Acesso em: 7 fev. 2021.

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

IKENAMIA, Rodrigo Kazuo; GARNICA, Leonardo Augusto; RINGER, Naya Jayme. Ecossistemas de inovação: abordagem analítica da perspectiva empresarial para formulação de estratégias de interação. **RACEF – Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**. Ribeirão Preto - SP, Vol. 7, nº 1, Ed. Esp. Ecossistemas de Inovação e Empreendedorismo, p. 162-174, 2016. ISSN 2178-7638. DOI: <http://dx.doi.org/10.13059/racef.v7i1.232>. Disponível em: <https://www.fundace.org.br/revistaracef/index.php/racef/article/view/232>. Acesso em: 7 fev. 2021.

SANTOS, Diego Alex Gazaro dos. **A influência do ecossistema de empreendedorismo no comportamento dos empreendedores**. 2017. recurso online. (202 f.). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração, Programa de Pós-Graduação em Administração, Porto Alegre - RS, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/168932>. Acesso em: 9 dez. 2021.

SANTOS FILHO, Luiz Antônio dos et al. Análise da atuação dos domínios políticas públicas e recursos humanos em um ecossistema empreendedor. **E&G - Economia e Gestão**, Belo Horizonte, v. 19, n. 54, Set./Dez. 2019. ISSN 1984-6606. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/economiaegestao/article/view/21655>. Acesso em: 5 fev. 2021

SILVA, Mario Cesar da. **Análise do ecossistema empreendedor brasileiro e dos fatores críticos de sucesso para a gestão de incubadoras de empresa**. 2017. 153 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Engenharia Mecânica, Campinas - SP, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322007>. Acesso em: 1 fev. 2021.

SILVA, Paulo Henrique Oliveira; FONSECA, Débora Lomba Pinto; SPINOLA, Carolina de Andrade. Considerações sobre o empreendedorismo como elemento propulsor do turismo no Baixo São Francisco. **RDE - Revista de Desenvolvimento Econômico**. Salvador - BA, Ano XIX, Edição Especial, p. 26 - 43. Dez. 2017. ISSN 2178-8022. DOI: <http://dx.doi.org/10.21452/rde.v3nesp.5380>. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/5380>. Acesso em: 5 fev. 2021.

SOUSA, Silvio Rodrigues de. **O resultado da atuação dos órgãos de incentivo no desenvolvimento de startups: estudo de caso do SEED**. 2018. recurso online. (104 f.). Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) - Fundação Cultural Dr. Pedro Leopoldo – FPL, Pedro Leopoldo, 2018. Disponível em:

[https://fpl.edu.br/2018/media/pdfs/mestrado/dissertacoes\\_2018/dissertacao\\_silvio\\_rodrigues\\_de\\_sousa\\_2018.pdf](https://fpl.edu.br/2018/media/pdfs/mestrado/dissertacoes_2018/dissertacao_silvio_rodrigues_de_sousa_2018.pdf). Acesso em: 7 dez. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Centro de Estudos em Administração Pública e Governo, Centro de Empreendedorismo e Novos Negócios. **Desenvolvimento de Políticas Públicas de Fomento ao Empreendedorismo em Estados e Municípios**. São Paulo: Programa Gestão Pública e Cidadania, 2012. 52 p.